

16. A CULTURA PALESTINA

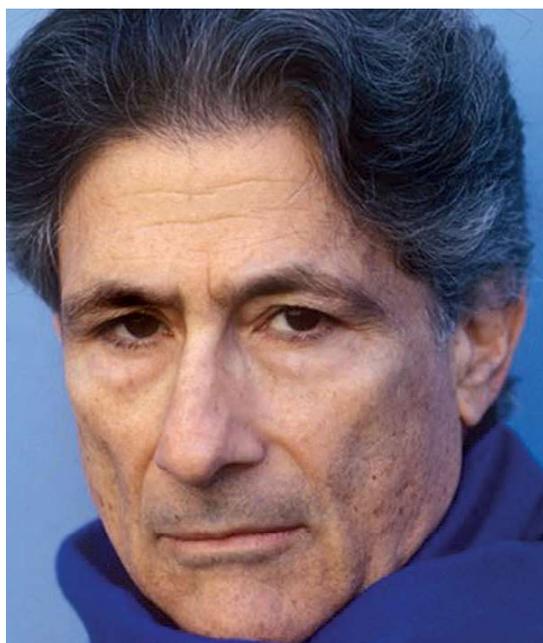
Os Palestinos perfilam-se como dos mais instruídos entre os povos árabes. Segundo dados do Palestinian Central Bureau of Statistics referentes a 2021, para maiores de 15 anos, a taxa de literacia era de 97,7% e a de população com formação universitária era de 17,4%. As mulheres, que representam mais de 60% da população universitária, têm uma participação activa na educação, na cultura, na literatura.

A cultura palestina tem uma ligação intrínseca à terra-mãe, apesar de ela se exprimir largamente fora dos limites estritos da Palestina histórica, pois apenas metade da população ainda aí vive. Por outro lado, é uma cultura militante e resistente, espelho de um povo que tem conseguido manter, através de décadas de sofrimento, de perseguição e de exílio, a sua identidade própria e a fidelidade à sua pátria.

Na **literatura**, Mahmoud Darwish, considerado o «poeta nacional» da Palestina, e Edward Saíd, uma referência incontornável da investigação académica pós-colonial, são figuras



Mahmoud Darwish (Al-Birweh, Galileia, 1941 — Houston, 2008) iniciou-se na poesia aos 19 anos e começou a ser reconhecido em 1964 com a colectânea Folhas de Oliveira, que inclui o célebre poema «Bilhete de Identidade». Em 1973 aderiu à OLP, da qual saiu em 1993, como Edward Saíd, por não concordar com os acordos de Oslo, que considerava demasiado conciliatórios. A obra de Darwish é composta por mais de 30 livros, traduzidos em cerca de 40 línguas. Foi o autor da Declaração da Independência da Palestina (1988).

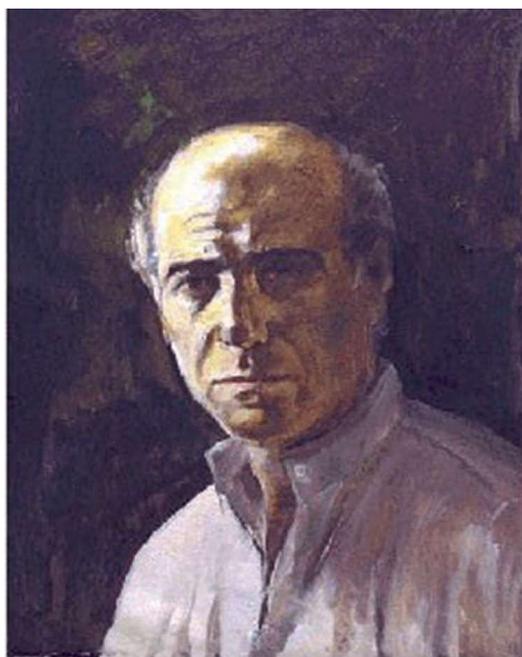


*Edward Saïd (Jerusalém, 1935 — Nova Iorque, 2003), académico e ensaísta, nasceu numa família cristã protestante. Com ela refugiou-se no Egipto em 1948. Completou a sua formação académica nos Estados Unidos, onde foi professor nas universidades de Columbia, Harvard e Yale. Foram-lhe atribuídas várias distinções por instituições americanas e britânicas. Da sua vasta obra, sempre coerente com os valores da causa palestina, destaca-se o livro *Orientalismo*, que denuncia a imagem deformada e romântica que os Europeus tinham do mundo árabe e dos povos colonizados.*

destacadas. Mas muitos outros escritores são dignos de referência, nomeadamente Emile Habibi (Haifa, 1922 — Nazaré, 1996) que escreveu, recorrendo ao humor negro e à sátira, sobre os palestinos que vivem no Estado de Israel; Ghassan Kanafani (Acre, 1936 — Beirute, 1972), que foi assassinado pela Mossad, tinha um estilo modernista inovador na ficção árabe; Hanan Awwad (Jerusalém, 1951), escritora e poeta, activista pela independência da Palestina, foi conselheira cultural de Arafat e presidente da Associação de Escritores da Palestina; Suad Amiry (Damasco, 1951) é também arquitecta e vive em Ramala, onde é activa na preservação do património arquitectónico palestino; ou Susan Abulhawa (Kuwait, 1970), filha de pais refugiados da guerra de 1967, que vive nos EUA, onde, além de escrever, é activista pela causa da Palestina.

Na **pintura**, Ismail Shammout é considerado o mais importante pintor palestino contemporâneo. Mas uma plêiade de jovens artistas dá continuidade ao legado de artistas mais consagrados como Ibrahim Ghannam (Haifa, 1930 — Beirute, 1984), que retratava a vida quotidiana do povo palestino antes da Nakba, num estilo *naïf*; Sliman Mansour (Birzeit, 1947) enaltece a ligação à terra e a revitalização da identidade palestina, incentivando a resistência; Samia Halaby (Jerusalém, 1936), que vive em Nova Iorque, é abstraccionista mas recorre a um estilo figurativo nas obras de tom político com que apoia a luta palestina; Laila Shawa (Gaza, 1940) vive em Londres e a sua pintura reflecte a realidade política do seu país e denuncia a injustiça e a perseguição, qualquer que seja a sua origem.

Ismail Shammout (Lida, 1930 — Amã, 2006) é o mais importante pintor palestino contemporâneo. A sua obra, exposta tanto no Médio Oriente como nos Estados Unidos, Japão e vários países europeus, reflecte os diversos aspectos da moderna história palestina. As suas telas evidenciam a determinação política de um povo arrancado às suas próprias raízes ou exilado da pátria, mas sempre identificado na luta pelos seus legítimos direitos.



O **teatro** é talvez a actividade cultural mais ameaçada pela ocupação. O Teatro Nacional Palestino, fundado em 1984 em Jerusalém Oriental e conhecido como Al-Hakawati (O Contador de Histórias), é o principal centro cultural e de artes performativas para palestinos em Jerusalém, mas está continuamente sob ameaça de encerramento. Muitas outras iniciativas teatrais têm tido uma vida efémera. Entre as que subsistem, registam-se o Teatro Ashtar, fundado em Jerusalém em 1991, e que em 1995 abriu um segundo local em Ramala; o Teatro Al-Hara, inaugurado em 2005 em Beit Jala; e o Freedom Theatre, sediado desde 2006 no campo de refugiados de Jenin.

Em contraste com o teatro, o **cinema** palestino tem grande vitalidade, e diversos realizadores têm sido bem acolhidos pela crítica e premiados em festivais. Michel Khleifi (Nazaré, 1950) vive em Bruxelas, onde estudou, e com *Casamento na Galileia* venceu o Prémio Internacional da Crítica em Cannes e a Concha de Ouro em San Sebastian; Elia Suleiman (Nazaré, 1950) ganhou o Prémio do Júri de Cannes (2002) com *Intervenção Divina*; Hany Abu-Assad (Nazaré, 1961) ganhou o Globo de Ouro (2006) com *Paraíso Agora* e o Prémio do Júri de Cannes (2013) com *Omar*, ambos nomeados para Óscar de melhor filme estrangeiro; Sylvain Estibal (Uruguai, 1967) ganhou um César para melhor primeiro filme em 2012 com *O Porco de Gaza*; Raed Andoni (Ramala, 1967) conquistou o prémio para Melhor Documentário no Festival de Cinema de Berlim de 2017 com *Istiyad Ashbah* (A Caça aos Fantasmas); o filme *The Present* (O Presente), da realizadora

britânico-palestina Farah Nabulsi, ganhou o prémio 2021 da BAFTA para melhor curta-metragem e foi nomeado para os Óscares 2021 na categoria de melhor curta-metragem de acção ao vivo.

Na **música**, a principal referência é o Conservatório Nacional de Música, fundado em 1993, e que em 2004 adoptou a designação de Conservatório Nacional de Música Edward Saíd. O Conservatório está presente em Ramala, onde foi fundado, Jerusalém, Belém, Nablus e Gaza. Acolhe, entre outras, a Orquestra Nacional Palestina, constituída por músicos palestinos que actuam habitualmente no estrangeiro, a Orquestra Juvenil Palestina e a Orquestra Sinfónica do Conservatório, composta por artistas residentes. A West-Eastern Divan Orchestra, criada em 1999 por Edward Saíd e Daniel Barenboim, tem músicos israelitas, palestinos e de outros países árabes. Ganhou, em 2012, o Prémio Calouste Gulbenkian. O Trio Joubran é um agrupamento de *ouds*, composto pelos irmãos Samir, Wissam e Adnan Joubran, originários da cidade de Nazaré, que leva a todo o mundo a música tradicional palestina.

A **arqueologia** tem sido usada pela ocupação israelita para reescrever a história da Palestina. O Departamento Palestino de Antiguidades e Património Cultural foi reactivado em 1994 e conta com a cooperação internacional para explorar os numerosos sítios arqueológicos já identificados. Mas as ofensivas bélicas de Israel têm causado danos irreparáveis em locais históricos. Com o Muro do Apartheid e a instalação de colonatos, Israel pode vir a apropriar-se de metade dos sítios arqueológicos palestinos.

A **cultura tradicional** palestina manifesta-se ainda na dança, nos contos tradicionais ou no artesanato, tudo bem enraizado nas tradições árabes do Médio Oriente. A *dabka* é uma dança tradicional muito executada em casamentos e outras ocasiões festivas, que a Wishah Popular Dance Troupe tem divulgado por todo o mundo. Contar histórias era uma forma de transmissão cultural entre gerações e é uma prática que está a ser revitalizada. O artesanato, seja em cerâmica, bordados, escultura, vidro ou têxteis, é apreciado em todo o mundo e é uma base da actividade económica do povo palestino mas é também uma forma de perpetuar as suas tradições culturais. Em 2021, os bordados palestinos foram considerados pela UNESCO património imaterial da humanidade.